



Ào seu
ENCONTRO
ABBI
GLINES

AUTORA DE *PAIXÃO SEM LIMITES*



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Ao exército de Abbi, o melhor Street Team do mundo. Nunca imaginei que teria um grupo como este apoiando meus livros e sempre por perto para me animar quando as coisas ficam difíceis. Amo todos vocês e sou muito grata a cada um.

REESE

Fazia 22 dias, cinco horas e trinta minutos que eu havia me despedido de Mase no aeroporto O'Hare. Quando teve certeza de que eu estaria a salvo na casa do meu pai, em Chicago, com minha recém-encontrada família, Mase retornou à fazenda dos pais, no Texas, que simplesmente não funcionava sem ele.

Fiquei muito tentada a voltar com ele. Estava pronta para começar minha vida nova com Mase e ansiosa para fazer da casa dele a nossa casa. Mas eu precisava resolver isso primeiro.

Pouco mais de um mês antes, um senhor italiano bem-vestido e refinado havia aparecido na minha porta em Rosemary Beach, onde eu trabalhava como faxineira para algumas das famílias mais ricas da cidade. Não muito depois de eu ter conhecido Mase, o pai que eu jamais tinha visto – e que nem sabia se estava vivo – voltou à minha vida, querendo fazer parte dela.

Mase esteve comigo o tempo todo, segurando minha mão ao longo de todo o processo. Benedetto ficou conosco em Rosemary Beach por uma semana e então voamos todos juntos para Chicago.

Ligo descobri que eu tinha não apenas um pai, mas também um irmão. Raul é um rapaz muito bacana, dois anos mais novo que eu. Ele possui um dom especial para me fazer rir. Também tenho uma avó, ou *nonna*, como prefere ser chamada. Ela adorava sentar e conversar comigo por horas. Ouvi histórias do meu pai de quando ele era mais jovem e vi fotos da infância de Raul. Ela também me contou sobre sua insistência obstinada para convencer Benedetto a tentar me encontrar. Ele tinha motivos de sobra para não ir atrás de mim, era o que sempre dizia a todo mundo. Minha vontade era odiá-lo por não ter me procurado quando

eu era mais jovem, mas não consegui. Minha vida havia me levado até Mase.

O tempo que passei com eles foi realmente maravilhoso, mas a saudade de Mase era imensa. Conversar com ele todas as noites não era suficiente. Eu precisava que ele estivesse ao meu lado. Precisava dele mais do que de um pai, de um irmão e de uma *nonna*. Mase era a minha família, a primeira pessoa com quem eu de fato podia contar depois de uma vida inteira sofrendo abusos por parte da minha mãe e do meu padrasto.

Agora, enfim, eu estava em casa – ou no lugar prestes a se transformar em lar antes de meu pai aparecer. Mase e eu planejávamos morar juntos, mas isso ainda não havia se concretizado.

Não avisei a ele que voltaria mais cedo. Queria fazer uma surpresa.

O taxista parou em frente à casa dos pais de Mase, na enorme fazenda deles. Dei uma olhada na casa escura e logo vi que estava vazia. Ótimo. Minha surpresa era apenas para Mase. Paguei a corrida, peguei minha única mala e me apressei na direção dos estábulos. A caminhonete de Mase estava estacionada do lado de fora, junto de outra que não reconheci.

Larguei a mala perto da caminhonete dele e segui o caminho pela pequena colina até os estábulos. Sabia que ele estaria lá, pois tinha me dito que não iria treinar cavalos naquele dia. Meu coração batia acelerado e minhas mãos ansiavam por tocá-lo. Eu estava grata por ter tido aquele tempo com minha família, mas não queria me afastar de Mase de novo. Se ele não pudesse ir comigo até Chicago na próxima vez, eu não iria. Eles teriam que ir me ver ali.

Uma risada de mulher veio dos estábulos quando me aproximei. Será que ele estava no meio de alguma reunião? Eu não queria interrompê-lo caso fosse uma cliente. Não poderia me jogar em seus braços se ele estivesse negociando um cavalo com seu proprietário. Parei do lado de fora.

– Não, Mase, naquela noite você me prometeu que iríamos cavalgar hoje. Não pode desistir agora por causa do trabalho. Eu quero meu passeio – disse a mulher.

A voz dela me fez sentir um arrepio na espinha. Era muito jovem e sedutora. E ela o conhecia muito bem.

– Eu sei que prometi, mas tenho trabalho me esperando. Você precisa ter paciência – respondeu ele.

– Eu vou dar um ataque se você não cumprir a promessa – ameaçou ela.

– Sem joguinhos hoje, Aida. Tenho coisas sérias para resolver. Você tomou todo o meu tempo nos últimos dois dias – disse ele numa voz que me fez recuar.

Eu conhecia aquela voz. Ele falava assim comigo.

– Mas eu estou entediada, e você sempre sabe como me divertir – argumentou ela.

– Sério, preciso que você me dê um tempo pra resolver as coisas hoje. À noite a gente se diverte. Podemos sair pra comer alguma coisa. Posso até levar você pra dançar.

Meu coração se partiu. O que eu estava ouvindo não dava margens a dúvidas. Mase estava saindo com outra mulher e se importava com ela. Pude perceber isso na voz dele.

Uma vez, imaginei que ele estava me traindo. Não queria passar por essa experiência de novo, mas o que mais isso podia significar? Olhei para a caminhonete estacionada ao lado da dele e depois de volta para a porta que levava ao interior dos estábulos.

Meu coração estava me mandando sair correndo dali e deitar em posição fetal para não desmoronar. Mas minha cabeça me dizia que eu precisava encarar aquilo. O que quer que fosse. Eu devia ao menos dar a Mase a chance de se explicar antes de ir embora.

Toda a empolgação que eu estava sentindo momentos antes desapareceu completamente. Fui tomada por emoções que nem sequer poderia começar a decifrar.

A risada da mulher veio até o lado de fora, seguida pela risada baixa de Mase, que sempre me aquecia. Ele estava se divertindo. Ficar com aquela mulher o deixava feliz. Será que eu me afastei por tempo de mais? Será que ele precisou de outra pessoa?

Ou será que se deu conta de que eu não era tão especial como ele pensava?

– Olá. Precisa de ajuda? – ouvi a voz da mulher perguntar.

Levantei a cabeça e a vi de pé na porta dos estábulos, como se estivesse

para ir embora. Ela era alta, com longos cabelos louros presos num rabo de cavalo. Não estava usando maquiagem e ainda assim era deslumbrante. Lábios carnudos e dentes brancos perfeitos. Os olhos verdes grandes pareciam brilhar de felicidade. Mase tinha esse efeito sobre as mulheres.

– Quer falar sobre algum cavalo? – perguntou ela enquanto eu continuava em silêncio, olhando-a fixamente.

A calça jeans que ela vestia era justa e evidenciava o quadril esbelto e as coxas esguias. Era magra como uma modelo. Eu não era.

– E-eu, hã... – gaguejei.

Como eu poderia falar com aquela mulher? Eu devia ter ido embora. Confrontar Mase enquanto ela estava ali, parecendo uma Barbie, ia ser impossível. Ele olharia para nós duas lado a lado e veria qual era a melhor escolha.

– Você se perdeu? – tentou ela mais uma vez.

Sim. Eu estava completamente perdida. Tudo o que pensava ser verdade, tudo o que pensava ser meu, não era.

– Talvez – murmurei, então balancei a cabeça. – Não. Estou procurando...

– Reese! – A voz de Mase ressoou atrás da mulher e, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele passou por ela e me abraçou. – Você chegou! Por que não avisou que estava vindo? Eu teria ido pegar você. Meu Deus, como você está cheirosa. Morri de saudade disso. Estava morrendo de saudade de você!

Por cima do ombro dele, olhei para a mulher, que não sorria mais. Ela me encarava com jeito de poucos amigos.

– Eu queria... Eu queria fazer uma sur-surpresa – gaguejei, sem saber ao certo o que pensar.

Tinha ouvido os dois juntos. Sabia que ele havia passado algum tempo com aquela mulher e que ela obviamente não me queria ali.

Mase agarrou meu rosto e colou a boca à minha. Por mais insegura e magoada que eu estivesse por causa do que ouvi, deixei tudo para lá. O gosto de Mase e a sensação dos lábios dele nos meus quase me fizeram perder o equilíbrio. Ele engolia minha boca, e eu me agarrei a ele quando senti seu cheiro. O toque daquela língua na minha me fez estremecer. Nada no mundo importava quando eu estava assim com ele.

– *Arram, arram.* Ainda estou aqui, pessoal. Lembram de mim?

A voz da mulher quebrou meu transe delicioso e eu congelei. Ele me soltou, deu uma risadinha e olhou de volta para ela, mantendo os braços firmes em torno de mim.

– Desculpe, Aida, minha mulher voltou pra casa e eu vou estar ocupadíssimo pelas próximas 48 horas. Talvez mais. Vá procurar algo para fazer na casa – disse ele, então beijou a ponta do meu nariz enquanto dava as costas para ela outra vez.

– Meio grosseiro me deixar aqui e não me apresentar sua amiga – retrucou ela, com uma voz claramente desgostosa.

Mase sorriu para mim e piscou.

– Ela é uma diva. Você vai se acostumar. – Então virou-se para ela. – Aida, esta é Reese, a mulher de quem eu não parei de falar. Aquela com quem eu converso por horas todas as noites. – Mase se dirigiu de novo a mim. – Reese, essa é minha prima, Aida. Ela é um pouco mimada, muito dramática e se entedia facilmente.

Prima? Se ela era só isso mesmo, por que me encarava como se eu estivesse no caminho dela?

Olhei de volta para Aida e ela deu um sorriso afetado. Apesar de ficar mais tranquila por saber que eles eram parentes, algo no jeito como ela me olhava parecia desafiador.

MASE

Ter Reese nos braços outra vez ajudou a diminuir a frustração por ela não ter me dito que estava vindo mais cedo para casa. Eu a teria buscado no aeroporto. Não me agradou o fato de ela ter chegado sem ninguém para recebê-la.

– Você pegou um táxi? – perguntei, sem gostar dessa possibilidade também.

Ela assentiu, mas não disse mais nada.

– Queria que você tivesse me ligado.

Puxei-a para mim e a conduzi até minha caminhonete, para levá-la para a nossa casa, onde era o lugar dela.

– Achei que seria divertido fazer uma surpresa.

Ela parecia ausente, como se estivesse chateada. Talvez fosse só o cansaço da viagem.

– Eu diria pra você me ligar da próxima vez, mas não vai haver próxima vez. Nunca mais vamos ficar separados assim. Se quiser ir a Chicago, irei com você.

Reese então pareceu relaxar e chegou mais perto de mim. Era disso que eu precisava. Aida era cansativa e exigente. Tê-la por perto ajudou a diminuir a saudade de Reese, mas só porque ela era a agitação em pessoa e não parava de falar.

Assim que minha mãe voltasse para casa, teria que entreter Aida.

Peguei a mala de Reese e a coloquei na traseira da caminhonete, então deslizei a mão pela sua bunda perfeita e a agarrei. O risinho que ela deixou escapar lançou uma onda de calor pelo meu corpo. Eu precisava da risada dela.

– Não vou deixar você sair do meu lado pelo menos nos próximos

dois dias. Estou carente – falei, subindo na caminhonete. – Além disso, na semana passada peguei alguns livros na biblioteca que você já pode ler pra mim.

Ela deitou a cabeça no meu ombro e suspirou de satisfação.

– Eu li pra você quase todas as noites enquanto estive fora.

– Sim, mas não estava nua na minha cama.

Ela riu outra vez, fazendo a minha vida parecer perfeita. Reese era tudo o que eu sempre esperei. Tudo antes dela era chato, até mesmo as garotas. Ninguém havia me feito ficar feliz por acordar todas as manhãs e ver o mesmo rosto. Ou por ir para a cama toda noite com a mesma pessoa.

– Você me quer nua na cama? – perguntou ela num tom divertido.

– Se quero. Quero que você faça tudo nua.

Reese me encarou.

– Você não está falando sério.

Olhei para seu rosto sorridente.

– Estou sim, gata. Quando falo sobre você ficar nua, nunca é brincadeira.

Ela riu outra vez e eu a puxei mais para perto. Era disso que eu precisava.



Reese foi na frente enquanto eu pegava sua mala na traseira da caminhonete. Parei um pouco para vê-la entrar na minha casa, que em breve seria nossa. Tudo parecia diferente com ela ali. Reese trazia calor e a luz do sol.

Ela deu uma olhada para trás e sorriu.

– Você não vem?

– Estava só apreciando a vista – respondi com um sorriso, e a segui.

Assim que passei pela porta, coloquei a mala no chão e a agarrei. Ela deu um gritinho de surpresa quando a ergui para levá-la até o sofá. Afundei com ela no couro surrado, coloquei-a no meu colo e ela se agarrou aos meus ombros.

– Bem-vinda ao lar – falei, antes de capturar os lábios dela com os meus.

O animal dentro de mim queria arrancar as roupas dela e comê-la naquele segundo. Mas o homem que sabia do que ela precisava ia abraçá-la e fazer uns carinhos primeiro.

Nunca quis que ela pensasse que para mim tudo se resumia a sexo. Eu me apaixonei por ela antes mesmo de transarmos. Ela era preciosa demais para ser tratada só como um pedaço de carne... embora o corpo dela inteiro *fosse* divino.

Reese tirou meu chapéu e o jogou no assento ao nosso lado, então afundou os dedos nos meus cabelos. Seus beijos eram maravilhosos, e eu seria capaz de ficar ali beijando-a para sempre. Curvas sensuais nas minhas mãos e lábios de mel eram mais do que eu poderia ter esperado. Reese era mais do que eu poderia ter imaginado.

Ela roçou a maciez carnuda dos seus lábios contra meu queixo com a barba por fazer e cobriu meu rosto de beijos.

– Você não fez a barba – sussurrou.

– Eu não sabia que você estava vindo.

– Eu gosto assim. É sexy – murmurou ela, aproximando a boca da minha.

– Vai machucar a sua pele macia – respondi, antes de aprofundar o beijo e mergulhar naquela doçura.

Minhas mãos escorregaram por debaixo da camiseta dela para tocar sua pele quente, e ela estremeceu nos meus braços.

– Acho que seria bom se machucasse um pouquinho. Se for com você, é claro – disse ela, montando em mim.

Seus cabelos escuros caíram sobre os ombros quando ela me deu um sorrisinho tímido e sexy, que fez meu coração bater mais forte.

Segurei o rosto dela entre as mãos, roçando os polegares nas bochechas.

– Eu jamais machucaria esta pele. Seria um crime.

Ela corou e se inclinou para a frente, pressionando o rosto nas minhas mãos.

– Preciso de você – sussurrou.

A fagulha de desejo nos olhos dela era tudo o que eu precisava.

– Levanta os braços. – Sem questionar, ela fez exatamente o que pedi.

Tirei a camiseta dela cuidadosamente e coloquei ao nosso lado. Admi-

rar a visão dela só de sutiã me fez sentir como um adolescente de novo, vendo seios pela primeira vez. Nossa, como eu senti saudade deles.

– Quero chupá-los, mas preciso fazer a barba antes – falei, incapaz de desviar os olhos.

– Por favor, Mase. Quero sentir sua barba na minha pele. Adoro isso. Adoro.

Ela ia me deixar maluco. Também queria as marcas da minha barba na pele dela. Fiquei culpado por querer machucá-la de alguma maneira, mas ouvi-la implorar por isso era difícil demais de ignorar.

Estiquei os braços por trás dela e abri o sutiã. Meu coração bateu forte quando vi os peitos dela livres. Aqueles mamilos roliços perfeitos me queriam tanto quanto eu os queria.

Foda-se. Inclinei a cabeça, levei a boca a um deles e comecei a envolvê-lo com a língua. Os suspiros e grunhidos de Reese liberaram uma descarga de adrenalina que percorreu meu corpo todo enquanto ela puxava meus cabelos com mais força. Minha vontade era mordê-la e ouvi-la gritar de prazer, mas não podia fazer isso. Não queria assustá-la ou machucá-la. Queria que ela sempre se sentisse segura em meus braços.

– Tire a camiseta – disse ela, gemendo baixinho.

Eu faria tudo o que ela quisesse. Afastei a boca, arranquei a camiseta e capturei o mamilo de novo entre os lábios. As unhas de Reese exploravam gentilmente meu peito, e as palmas das suas mãos cobriam meu tórax, enquanto ela sussurrava meu nome de um jeito que me fazia sentir um rei.

Houve um tempo em que ela teria medo disso. Nunca subestimei o fato de ela confiar em mim para lhe dar prazer. Reese já havia sofrido abuso antes, e eu queria garantir que jamais se sentisse assim outra vez. Eu a protegeria de todo o mal. Comigo, ela sempre saberia que estava segura.

Reese começou a mexer os quadris e eu precisei conter um tremor. Meu pau estava a ponto de fazer a calça jeans explodir. A pressão do zíper me causava dor e prazer ao mesmo tempo.

Soltei o mamilo dela para provar sua boca outra vez e inspirei sua doçura. Quando ela protestou, interrompi o beijo e coleí a testa à dela.

– Vamos tirar sua calça – falei, querendo sentir mais o corpo dela.

– Vamos tirar a *sua* – disse ela com um risinho, então saiu de cima de mim e se levantou.

Observei enquanto ela abria a calça e lentamente balançava os quadris para sair dela. Eu estava em transe. Quando a calcinha preta apareceu, a pressão contra o zíper ficou mais intensa. Abri a calça para me aliviar um pouco, mas sem tirar os olhos dela. Ela deslizou a própria calça pelas pernas e a jogou para o lado.

– Agora a calcinha – pedi, mas soou como um grunhido.

O rosto dela ficou vermelho e seus olhos se acenderam de desejo enquanto ela tirava a calcinha também. Agora Reese estava completamente nua para mim. Eu a queria assim pelo resto da vida.

– Você não tirou a calça – apontou ela, olhando para minha cueca boxer, agora à mostra.

– Eu estava tirando, mas você me distraiu.

– Então levanta que eu ajudo você – respondeu ela, sorrindo maliciosamente.

Juro que eu pularia de um penhasco se ela pedisse. Aquele sorrisinho me convenceria a fazer qualquer coisa.

Mase levantou e meus olhos não conseguiam se desgrudar de seu abdômen tanquinho, tão rígido que era praticamente impossível manter as mãos longe dele.

– O que você quiser – disse ele, olhando para mim como se eu fosse a única mulher no mundo.

Aquele era o Mase que eu conhecia. O homem em quem eu confiava. O homem que eu sabia que jamais me magoaria. Fiquei culpada por ter duvidado dele mais cedo. Nunca tive uma relação saudável e segura, então ainda não sabia como acreditar em uma. Até agora.

Encurtei a distância entre nós e puxei sua calça já aberta para baixo, até perceber que ele ainda estava de botas. Eu adorava aquelas botas.

– Tira logo isso – falei.

Ele deu um sorrisinho e puxou as duas com facilidade.

– Pronto.

Eu tinha a impressão de que Mase faria qualquer coisa que eu pedisse. Era um sentimento poderoso e ao mesmo tempo gratificante. Continuei tirando a calça dele, parando para admirar as coxas musculosas e as panturrilhas perfeitas.

Levantei, olhando para a cueca dele. Senti o rosto esquentar quando peguei nela e comecei a tirá-la com cuidado. A respiração dele ficou mais ofegante, o que me causou um tremor de expectativa. Quando eu ficava muito perto dele – especialmente do seu pênis –, Mase ficava excitado. Era um sentimento poderoso para mim também. Por saber que ele gostava que eu fizesse as coisas devagar, parei e olhei em seus olhos quando sua cueca estava baixa o suficiente para expor toda a sua nudez. Os olhos dele estavam enevoados de tesão.

Me inclinei para a frente e dei um beijo rápido na ponta inchada e vermelha.

– Caralho, gata – grunhiu ele.

Gostei disso. Não, eu *amei* isso.

Tirei a cueca dele, fiquei de pé e toquei em seu abdômen enquanto corria os dedos por seu peito. As mãos dele repousaram nos meus quadris.

– Quero te levar para a cama – disse ele, pressionando meu corpo contra o dele.

– Me leva – sussurrei.

Ele se levantou comigo no colo e me manteve junto ao peito enquanto atravessava a sala, com minhas pernas em torno da cintura dele. Sua boca capturou a minha em um beijo faminto e ele me deitou gentilmente na cama king size.

Olhei-o nos olhos enquanto abria as pernas e estendia as mãos para ele. Queria que Mase cobrisse meu corpo com o dele. Que me completasse.

Ele caiu nos meus braços imediatamente.

– Eu te amo – falou ardentemente, beijando meu pescoço. – Eu te amo tanto que não consigo respirar quando você não está por perto. Você é a coisa mais importante que eu tenho, Reese. É a minha vida.

Ele traçou uma linha de beijos pescoço abaixo até começar a morder minha clavícula.

– Mase – gemi, erguendo os quadris.

Eu queria mais. Queria-o dentro de mim, me preenchendo.

Ele colocou a mão entre as minhas pernas e enfiou um dedo em mim.

– Tão molhada... Puta que pariu – falou, gemendo.

Então meteu o dedo na boca e chupou antes de abaixar o quadril e pressionar a ponta da dureza em mim.

Era disso que eu precisava. Dessa conexão.

Ele afundou lentamente para dentro de mim, me completando com todo o seu tamanho. Os músculos dos braços dele se evidenciaram e Mase fechou os olhos com força. Fiquei observando aquele rosto lindo, o encaixe firme de sua mandíbula e a veia saltada em seu pescoço. Tudo aquilo me fazia delirar de prazer.

Quando ele finalmente estava todo dentro de mim, seus olhos se abriram para me encarar. Havia tanta emoção neles que senti os meus se en-

cherem de lágrimas. Ele não precisava me dizer o que sentia – eu podia ver. Mase estava demonstrando naquele momento, e eu entendia.

– Coloque as pernas em volta da minha cintura – pediu ele num sussurro rouco, a boca roçando minha orelha.

Obedeci.

– Que delícia – murmurou ele, cada vez mais excitado.

Agarrei seus ombros, pronta para ele começar a se mover dentro de mim. Eu sabia que seria incrível. Mais do que incrível, na verdade – não havia como descrever o que eu sentia transando com Mase.

– Fique com as pernas bem abertas, gata. Vou fazer você ficar tão louca que não vai mais conseguir se lembrar nem do seu nome.

Só de ouvir isso eu já me aproximei do orgasmo. Será que isso era possível?

– Assim. Quero levar você à loucura, quero que sinta a mesma coisa que eu sinto quando estou enterrado em você.

Eu ia responder, mas Mase começou a se mexer e eu não consegui mais falar nem respirar normalmente, enquanto me agarrava a ele. Ele gemia e me enviava ondas de calor por todo o corpo.

Quando o primeiro orgasmo chegou, ele me apertou contra o peito e sussurrou que eu era linda, e algumas outras coisas maravilhosas que eu não seria capaz de lembrar, porque suas palavras e o ritmo constante de seus quadris já estavam me levando para o próximo orgasmo. Rápido. Continuei agarrada a ele como se minha vida dependesse disso.

Quando o terceiro orgasmo veio, Mase rugiu e gritou meu nome, e seu corpo estremeceu com o próprio gozo. Ele pressionou o rosto contra o meu pescoço e arfou, desesperado por ar.

Senti-lo gozar me fez estremecer de prazer mais uma vez, antes de nossos corpos relaxarem juntos, os dois corações pulsando violentamente.



O som de alguém batendo na porta interrompeu meus sonhos enquanto eu forçava meus olhos a se abrirem. No escuro, olhei ao redor do quarto, o corpo quente de Mase apertado contra o meu, me envolvendo nos braços. Depois da terceira vez que fizemos amor, caímos no sono.

Mase gemeu e abriu os olhos.

– Mas que diabo...? – falou, com a voz sonolenta.

– Mase! – chamou uma voz feminina que eu reconheci. Era Aida. –
Abre a porta. Eu trouxe comida.

– Merda – rosnou ele enquanto saía da cama. Foi até o closet e pegou uma calça jeans e uma camiseta. Quando se virou para mim, abriu um sorriso satisfeito. – Está com fome?

Eu estava com sono, mas também faminta. Não tínhamos jantado ainda. Assenti.

– Vou pegar a sua mala. Pode se vestir devagar. Vou fazer o seu prato – disse ele, se inclinando para me dar um beijo.

Mase saiu do quarto e eu fiquei deitada ali, enrolada nas cobertas com o cheiro dele.

Ouvi Aida na porta da frente enquanto sua voz enchia a casa.

– Por que demorou tanto? Eu trouxe comida. Você devia me agradecer.

– Obrigado – respondeu ele, simplesmente.

– Aonde você vai?

– Pegar a mala de Reese – respondeu ele, enquanto seus passos voltavam ao quarto.

– Caramba, Mase. Você poderia ao menos ter recolhido a calcinha dela antes de me deixar entrar – disse Aida em um tom irritado.

Ela não gostava de mim. Não era só coisa da minha cabeça.

Mase não respondeu. Quando abriu a porta, ele revirou os olhos e sorriu para mim. As roupas que largamos na sala ontem à noite estavam debaixo de seu braço, e ele trazia minha mala na outra mão.

– Deixa ela pra lá.

Ele jogou nossas roupas em cima de uma cadeira e piscou para mim.

– Vista-se e venha comer.

Quando ele saiu de novo, eu me sentei, preocupada sobre como encarar Aida.

Não queria que a prima dele não gostasse de mim, mas não sabia muito bem se teria algum controle sobre isso.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br